



Artigo de revisão

Impactos do curso de formação na saúde mental dos policiais militares e seus reflexos nas práticas de abordagem a cidadãos

Camila Veloso Barbosa Araújo¹ , Maria Júlia Fonseca Mendes¹ , Vitor Gabriel Pereira Damas¹ , Yuri Gabriel Lourenço da Silva¹ .

¹Departamento de Saúde Mental da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros-MG, Brasil.

Resumo

Objetivo: investigar a relação entre o disciplinamento na formação dos policiais militares e a violência durante suas abordagens, destacando lacunas nos métodos de ensino e os impactos na sociedade e na saúde mental desses profissionais. **Materiais e Métodos:** a pesquisa, uma revisão integrativa da literatura, identificou 9 estudos que evidenciam uma formação centrada em valores ultrapassados de masculinidade, focando mais na preparação física do que no desenvolvimento interpessoal. Foi utilizado um formulário de coleta de dados para análise crítica dos estudos, composto pelas informações: título; autores; ano; local de execução do estudo; metodologia e delineamento. **Resultados:** a formação profissional desenvolvida nas academias de polícia examinadas reforça práticas que repousam no “combate”, em contraste a um novo profissionalismo difundido em grande parte do mundo ocidental, que busca o alto nível de educação policial e o estabelecimento de relações mais estreitas entre a polícia e a comunidade. **Conclusão:** o curso de formação dos policiais militares faz uso da pedagogia do sofrimento, estimulando práticas arcaicas e nocivas que perpetuam uma cultura de machismo e violência que causa danos físicos e psicológicos aos militares e reflete na maneira como esses profissionais abordam os cidadãos.

Palavras-chave: Policial. Militar. Treinamento. Abordagem.

Introdução

Entre os direitos fundamentais elencados pelo artigo 5º da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), está o direito à segurança. Sob a égide dos direitos humanos e valores de cidadania, cabe ao Estado garantir a manutenção da ordem pública e a integridade das pessoas e do patrimônio, através dos órgãos elencados no artigo 144 da CF/88. Em nível estadual, o policiamento ostensivo e a preservação da ordem pública competem à Polícia Militar, cujos pilares fundamentais são a disciplina e a hierarquia (Silva; Vieira, 2008).

Autor correspondente: Camila Veloso Barbosa Araújo | camilavbaraujo@hotmail.com

Recebido em: 12|05|2024. **Aprovado em:** 05|10|2024.

Avaliado pelo processo de *double blind review*.

Como citar este artigo: Araújo CVB, Mendes MJF, Damas VGP, Silva YGL. Impactos do curso de formação na saúde mental dos policiais militares e seus reflexos nas práticas de abordagem a cidadãos. Humanidades (Montes Claros). 2024 jan-jun;13(1):214-23. <https://doi.org/10.53303/hmc.v13i1.1224>





Os futuros policiais militares, após aprovação em concurso público, são submetidos a um curso de formação. A primeira semana, denominada “semana zero”, objetiva a ritualização do cotidiano desses profissionais por meio de ensinamentos que reforçam o respeito à hierarquia e a importância da disciplina. Durante esse treinamento, os recém-ingressos recebem um “nome de guerra”, normalmente um dos seus sobrenomes, um símbolo da perda da identidade civil e do surgimento da identidade militar (França, 2019).

A formação dos policiais militares precisa ser condizente com a alta periculosidade de suas atividades. Para que sejam capazes de enfrentar a violência encontrada nas ruas, esses profissionais passam por um processo de criação de uma nova identidade, tornando-se parte da organização e desvinculando-se do pertencimento à sociedade. Os próprios policiais afirmam que, para exercer suas atividades, precisam ter suas capacidades humanas subtraídas (Silva; Vieira, 2008).

Essa desumanização da polícia, no entanto, revela um padrão de atuação baseado na violência e arbitrariedade. Entre os anos de 2012 e 2021, 1.146 pessoas morreram durante abordagens policiais no estado de Minas Gerais. Observa-se a ineficiência desse modelo de atuação militar como um desafio para a manutenção do Estado democrático de direito, questionando se a função da polícia é ser instrumento da manutenção da ordem ou força garantidora de direitos aos cidadãos (Zilli *et al.*, 2023).

O objetivo da pesquisa é investigar o impacto do curso de formação na saúde mental dos policiais militares e seus reflexos nas práticas de abordagem a cidadãos.

Materiais e Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que, segundo Gil (2002, p. 162), “Deve esclarecer, portanto, os pressupostos teóricos que dão fundamentação à pesquisa e as contribuições proporcionadas por investigações anteriores [...]”. Busca-se responder à pergunta “Quais são as implicações do curso de formação policial militar na atuação desses profissionais?”.

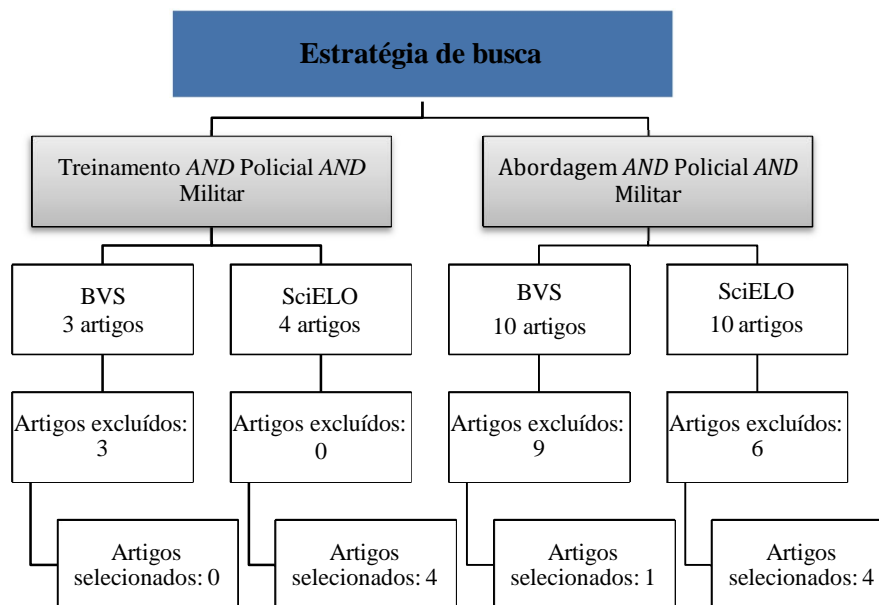
Para o levantamento bibliográfico dos artigos científicos, utilizaram-se as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Durante a busca foram utilizados os descritores na língua portuguesa: “Policial”, “Militar”, “Treinamento” e “Abordagem”. Incluíram-se, na pesquisa, artigos que estivessem na íntegra e que possuíssem versão na língua portuguesa. Excluíram-se estudos em duplicidades e teses. Adotou-se a expressão booleana “AND” para o cruzamento dos descritores selecionados (Tabela 1).

Tabela 1. Descritores indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH) utilizados na estratégia de busca.

Descritores em português	Descritores em inglês
Abordagem AND Policial AND Militar	Approach AND Police AND Military
Treinamento AND Policial AND Militar	Training AND Police AND Military

A partir do uso dos descritores, foram encontrados 27 estudos. Após a aplicação dos critérios de exclusão, restaram 18 artigos, dos quais nove foram descartados após a leitura do título, resumo e palavras-chave, por não se relacionarem com o tema da pesquisa. A amostra final foi composta por nove artigos (Fluxograma 1).

Fluxograma 1 - Estratégia de busca aplicada (n=9).



Foi utilizado um formulário de coleta de dados para análise crítica dos estudos, composto pelas informações: título; autores; ano; local de execução do estudo; metodologia e delineamento (Brito *et al.*, 2022).

Resultados

Os estudos foram publicados entre os anos de 2001 e 2023, em cidades das regiões nordeste, sudeste, sul e centroeste do Brasil. O delineamento mais prevalente foi a pesquisa qualitativa (n=6). Foram entrevistados 149 militares, analisados três currículos de curso de formação, dois códigos de deontologia, 3.605 boletins de ocorrência e analisadas 600 páginas de diário de campo e 41 páginas de um Relatório final de Inquérito Policial Civil.

Os principais resultados demonstraram que a formação profissional desenvolvida nas academias militares examinadas reforça práticas que repousam no “combate”, em contraste a um novo profissionalismo difundido em grande parte do mundo ocidental, que busca o alto nível de educação policial e o estabelecimento de relações mais estreitas entre a polícia e a comunidade. O modelo de atividade centrado na ideia de “guerra ao crime”, aliado a uma estrutura organizacional militar rígida,



pode danificar a autolegitimidade dos policiais (Poncioni, 2005).

O principal problema identificado no curso de formação foi que o foco se dá na exposição a uma cultura de sofrimento que visa relacionar o policial à figura do herói combatente e no aprimoramento de habilidades físicas, em detrimento do desenvolvimento da inteligência emocional e social. A exposição à violência institucional nos estabelecimentos militares se manifesta através de uma “pedagogia do sofrimento”, que é parte integrante da cultura militarista presente nesses ambientes (França, 2019).

Discussão

O curso de formação policial é composto não apenas por um currículo baseado em conteúdos formais (Poncioni, 2005; Trindade; Porto, 2011; França; Ribeiro, 2019), mas, também, por um “currículo oculto”, que busca a internalização da cultura militar por meio de práticas cotidianas que exaltem valores, como honra, brio, força e vigor (França; Ribeiro, 2019). Ao associar o militar à figura do herói (Poncioni, 2005; França; Ribeiro, 2019; Winter; Alf, 2019; Ferreira; Borges, 2020; Albuquerque; Machado, 2001), institui-se a valorização do sofrimento, do sacrifício e da superação, naturalizando-se a violação da dignidade humana. A formação dos policiais é, portanto, pautada na pedagogia do sofrimento (França; Ribeiro, 2019), cujos reflexos se dão na violência praticada nas ruas durante abordagens a cidadãos, como visto em casos de racismo, violência e letalidade policial (Barbosa, 2023; Zilli *et al.*, 2023). Esses episódios de violência arbitrária, por sua vez, contribuem para o problema de autolegitimidade enfrentado por esses profissionais (Winter; Alf, 2019; Gisi; Silvestre, 2020; Barbosa, 2023; Zilli *et al.*, 2023), a qual, somada à rotina de estresse, tensão e violência (Winter; Alf, 2019), favorece o adoecimento mental.

Os currículos dos cursos de formação são focados na preparação física do policial e nos aspectos legalistas, a exemplo de aulas de tiro e legislação penal (Poncioni, 2005; Trindade; Porto, 2011), em detrimento de disciplinas voltadas para o desenvolvimento interpessoal, seja na relação com seus pares, seja nas abordagens a cidadãos. Percebe-se uma valorização da força física e virilidade, enquanto habilidades de debate, questionamento e negociação de conflitos ficam prejudicadas (Poncioni, 2005; França; Ribeiro, 2019; Winter; Alf, 2019; Trindade; Porto, 2011).

A deficiência de disciplinas relacionadas às ciências humanas advém de uma dimensão cultural, uma vez que a corporação adota uma estrutura baseada na hierarquia e disciplina (Poncioni, 2005; França; Ribeiro, 2019), cujo principal objetivo é coibir uma postura questionadora e dialética por parte dos militares em formação (França; Ribeiro, 2019). As crenças, estereótipos, preconceitos e práticas reproduzidas no âmago da organização policial reforçam a cultura do uso da força e da dominação como meios para garantir a manutenção da ordem (Poncioni, 2005).



Observa-se, ainda, o caráter fragmentado dos treinamentos militares. A ausência da formação continuada, processo de aprendizagem permanente que visa ao aperfeiçoamento e à atualização de conhecimentos e práticas profissionais, faz com que o conhecimento adquirido nos cursos de formação seja, aos poucos, substituído pelas práticas diárias (Poncioni, 2005). Alguns policiais relataram que se sentem mais confortáveis para discutir as práticas de seu cotidiano em ambientes informais, sem supervisão e legitimados pelo coletivo (Winter; Alf, 2019). Essa informalidade contribui para a perpetuação de práticas inadequadas, visto que tais debates não são conduzidos por um profissional qualificado.

A formação dos militares se dá por meio da chamada pedagogia do sofrimento, baseada em ideais ultrapassados de masculinidade, segundo os quais a dor e a humilhação são vistas como prova de força e virilidade. Ao associar o policial à figura do herói, institui-se a valorização do sofrimento, do sacrifício e da superação. Essa naturalização da violência impede que os membros da corporação percebam que as agressões físicas e o assédio moral são violadores de direitos humanos fundamentais (França; Ribeiro, 2019).

Nesse contexto, os ritos de iniciação, como trotes e instruções rigorosas, se configuram como ferramentas para moldar os alunos a valores militares, como honra, brio, força e vigor. Esses rituais visam incutir nos jovens a disciplina, a obediência e a resistência à dor. Trata-se do chamado currículo oculto, o qual transcende o conteúdo formal das aulas e se manifesta nas práticas cotidianas da escola. Um exemplo emblemático dessa cultura é o "caldo", um ritual de iniciação comum nos bombeiros militares. Nele, o aluno é submetido à imersão forçada em água, muitas vezes com violência, testando sua resistência física e psicológica (França; Ribeiro, 2019).

A Jornada de Instrução Militar (JIM), em Salvador, é um exemplo de atividade de formação que aparenta ser menos uma instrução técnica e mais uma demonstração do uso excessivo da força. Os aspirantes passam por seis dias de treinamento na selva, enfrentando não apenas desafios físicos e psicológicos, mas abusos e arbitrariedades. Conforme relatado pelos participantes do JIM, observam-se cenas de espancamento, agressões psicológicas e até mesmo iniciação à tortura, além de violências arbitrárias contra desafetos com intuítos meramente vingativos (Albuquerque; Machado, 2001).

Alunos de um curso de formação de bombeiros militares em Minas Gerais relatam o sentimento de humilhação e depreciação que sentiam ao serem xingados com palavras de baixo calão e insultos de cunho sexista. Ao serem chamados de "frouxos" ou serem comparados a uma "FEM", expressão utilizada para se referir a uma soldado mulher, esses profissionais são atacados exatamente no pilar que os fazem heróis: a virilidade (França; Ribeiro, 2019).

Tais práticas arcaicas e nocivas perpetuam uma cultura de machismo e violência que causa danos físicos e psicológicos aos soldados (França; Ribeiro, 2019). As consequências desse estilo de formação recaem sobre a própria sociedade, como visto em casos de racismo, violência e letalidade policial



(Barbosa, 2023; Zilli *et al.*, 2023). A violência praticada nas ruas é vista como um reflexo da “pedagogia do sofrimento” aplicada na formação militar (França; Ribeiro, 2019).

Esse modelo de atuação baseado na violência, entretanto, não é prejudicial apenas para a sociedade, mas, também, para os militares, uma vez que esses enfrentam um problema de autolegitimidade. Quando os cidadãos julgam a abordagem policial como justa, transparente e isonômica, há um reconhecimento da legitimidade da autoridade desses profissionais. Em contrapartida, quando há a percepção pública de que os cidadãos são abordados com arbitrariedade e violência, a instituição da polícia perde sua respeitabilidade (Winter; Alf, 2019; Gisi; Silvestre, 2020; Barbosa, 2023; Zilli *et al.*, 2023).

Durante o processo construtivo de sua nova identidade (França; Ribeiro, 2019), a concepção de *ethos* é profundamente incorporada ao psicológico do recruta, por meio de mecanismos e práticas sociais, além do enaltecimento do sacrifício, altruísmo, coragem e dedicação. São exemplos a cerimônia de formatura, na qual juram “dedicar-se inteiramente ao serviço policial militar, mesmo que com o sacrifício da própria vida”, *slogans*, como o da Polícia Militar de Minas Gerais, “nossa profissão, sua vida” e canções e rituais propagados nos cursos e instruções (Ferreira; Borges, 2020).

Essa ideia também se faz presente na sociedade por meio de ações midiáticas das instituições governamentais como campanhas de valorização profissional, que reiteram a importância do trabalho do policial para a sociedade e a periculosidade a qual o agente está exposto, além de notícias veiculadas pela mídia que destacam atos heroicos e bravura destes. Essas representações influenciam o imaginário popular acerca do trabalho policial e são fundamentais para a percepção pública das instituições militares de forma positiva, pois fortalecem a confiança dos cidadãos nas forças de segurança e, conseqüentemente, a relação entre polícia e sociedade (Ferreira; Borges, 2020).

Essa relação é essencial para o reforço de *ethos* dos policiais, pois, tendo a aprovação daqueles que devem proteger, suas ações são reiteradas e sua autoimagem consolidada. Entretanto, se o contrário ocorre, o militar tem sua autolegitimidade e a da corporação prejudicadas, entrando sua autopercepção de herói, o que afeta sua saúde mental e conseqüentemente a abordagem a cidadãos (Winter; Alf, 2019; Gisi; Silvestre, 2020; Barbosa, 2023; Zilli *et al.*, 2023), gerando um círculo vicioso de violência.

Além de enfrentarem grandes sofrimentos em virtude do alto nível de tensão a que estão expostos, a falta de autolegitimidade e a desvalorização da profissão são fatores que influenciam diretamente na saúde mental dos policiais. Pesquisas evidenciam que os policiais militares são os profissionais que mais morrem em virtude do exercício de sua profissão (Winter; Alf, 2019; Zilli *et al.*, 2023). Estudos internacionais investigam a associação do trabalho do policial com patologias físicas e mentais e até mesmo com o suicídio, mas, no Brasil, o debate sobre a saúde mental do policial militar ainda é um tabu. Isso ocorre porque, dentro da corporação, a verbalização do sofrimento não é bem aceita, pois conflita com a cultura militar que enaltece o machismo e a virilidade. O adoecimento



mental é visto como sinal de fraqueza e atestados de saúde e consultas psiquiatras são motivos para o policial ser rechaçado não só pela instituição, mas, também, por seus colegas. Dessa forma, os militares são pressionados a não demonstrarem sinais de sofrimento e a sustentarem uma postura inabalável (Winter; Alf, 2019).

O modelo de polícia profissional tradicional (Poncioni, 2005; Ferreira; Borges, 2020) baseia-se na ideia de que o militar é um combatente, cuja principal missão é manter a ordem e reprimir a criminalidade. Esse modelo de polícia profissional, no entanto, contrasta com um novo modelo difundido em países mais desenvolvidos, baseado em um alto nível de educação policial, focado no desenvolvimento de habilidades de negociação e relacionamento interpessoal, conhecido como policiamento comunitário, através de macro e micro práticas que estreitam as relações entre os policiais e a comunidade, além de práticas preventivas ao invés de meramente repressivas (Poncioni, 2005).

A realização de estratégias de prevenção, como o programa de policiamento Ronda do Quarteirão (Barbosa, 2023) e a Rede de Proteção Preventiva (Ferreira; Borges, 2020), assume importante papel na economia de conflitos entre polícia e população. Esse tipo de ação reforça a confiança da população nas autoridades e garante a legitimidade policial, influenciando diretamente na atuação dos militares, podendo, assim, interromper o ciclo de violência perpetuado no ambiente militar.

As limitações da pesquisa se dão a partir da disponibilidade acadêmica da tratativa, pois em sua maioria são artigos teóricos que não contemplam a prática. Portanto, faz-se necessário que as próximas pesquisas sobre o tema tenham foco na resolução prática, visando a alternativas funcionais.

Conclusão

O curso de formação dos policiais militares faz uso da pedagogia do sofrimento, estimulando práticas arcaicas e nocivas que perpetuam uma cultura de machismo e violência que causa danos físicos e psicológicos aos militares. As consequências desse estilo de formação recaem sobre a própria sociedade, como observado em casos de racismo, violência e letalidade policial. A violência praticada nas ruas é vista como um reflexo da “pedagogia do sofrimento” aplicada na formação militar.

Contribuições dos autores

Os autores aprovaram a versão final do manuscrito e se declararam responsáveis por todos os aspectos do trabalho, incluindo a garantia de sua precisão e integridade.

Conflito de interesses

Os autores declararam não haver conflitos de interesse.



Referências

- ALBUQUERQUE, C. L.; MACHADO, E. P. Sob o signo de Marte: modernização, ensino e ritos da instituição policial militar. **Sociologias**, n. 5, p. 216–239, jan. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222001000100010>
- BARBOSA, W. F. Ocorrências policiais: como os acontecimentos nos bairros tornam-se caso de polícia. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 16, n. 3, p. e47088, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/dilemas.v16.47088>
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.html
- BRITO, A. M. G.; VERSIANI, A. P.; DIAS, M. T. S.; PIRIS, Á. P. Uso indiscriminado de antibióticos: uma revisão integrativa. *Bionorte*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 219–225, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47822/bn.v11i1.245>
- FRANÇA, F. G. “O soldado é algo que se fabrica”: Notas etnográficas sobre um curso de formação policial militar. **Revista TOMO**, v. 34, p. 359–392, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i34.10378>
- FRANÇA, F. G.; RIBEIRO, L. R. “Um bombeiro pede socorro!”: socialização, treinamento e sofrimento na formação do bombeiro militar. **Sociologias**, v. 21, n. 51, p. 212–241, maio 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-0215111>
- FERREIRA, D. V. S.; BORGES, J. F. O policial comunitário como uma prática social e o gerencialismo na segurança pública: Análises de uma unidade operacional da polícia militar. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 642–672, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-2311.298.105005>
- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: ed. 4; p. 162, Atlas, 2002. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>
- GISI, B.; SILVESTRE, G. Expectativas desencaixadas: o problema da construção da autolegitimidade entre policiais militares. **Sociedade e Estado**, v. 35, n. 3, p. 885–908, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035030010>
- PONCIONI, P. O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do Estado do Rio de Janeiro. **Sociedade e Estado**, v. 20, n. 3, p. 585–610, set. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922005000300005>
- SILVA, M. B.; VIEIRA, S. B. O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 4, p. 161–170, out. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000400016>
- TRINDADE, A.; PORTO, M. S. G. Controlando a atividade policial: uma análise comparada dos códigos de conduta no Brasil e Canadá. **Sociologias**, v. 13, n. 27, p. 342–381, maio 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000200013>
- WINTER, L. E.; ALF, A. M. A profissão do policial militar: vivências de prazer e sofrimento no trabalho. **Revista Psicologia, Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 671–678, set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17652/rpot/2019.3.13214>
- ZILLI, L. F. *et al.* “Visando repelir injusta agressão”: uma sociologia dos accounts policiais e das investigações dos casos de letalidade policial em Minas Gerais. **Sociologias**, v. 25, p. e–soc118639, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18070337-118639>

Quadro 1 – Características dos estudos selecionados. (n=9).

Autor e ano	Objetivo	Delineamento	Amostra e Cenário	Principais resultados
Albuquerque; Machado, 2001	Analisar a formação de oficiais da Polícia Militar da Bahia.	Pesquisa Qualitativa	Foram entrevistados 27 aspirantes a oficiais da Academia da PM de Salvador.	A Jornada de Instrução Militar aparenta ser menos uma instrução técnica e mais uma demonstração do uso excessivo da força.
Poncioni, 2005	Analisar o modelo de polícia profissional presente no ensino e treinamento profissional desenvolvido nas academias de polícia e suas consequências para a formação do futuro policial.	Estudo de Análise Documental	Foram analisados os currículos dos cursos de formação profissional básica ministrados em três centros de ensino e treinamento policial civil e militar do estado do Rio de Janeiro.	A formação profissional desenvolvida nas academias de polícia examinadas reforça práticas que repousam no “combate”, em contraste a um novo profissionalismo difundido em grande parte do mundo ocidental, que busca o alto nível de educação policial e o estabelecimento de relações mais estreitas entre a polícia e a comunidade.
Trindade; Porto, 2011	Comparar os códigos de deontologia da Polícia Militar do Distrito Federal (Brasília) e do Ottawa Police Service (Canadá).	Estudo documental comparativo com etapa observacional/transversal	Foram analisados os códigos de deontologia da Polícia Militar do Distrito Federal (Brasília) e do Ottawa Police Service (Canadá). Além disso, foram entrevistados 27 policiais militares, 09 no Canadá e 18 no Brasil.	O treinamento policial é mais do que a simples transmissão de habilidades específicas. Nele também são transmitidos os valores e princípios contidos no código de deontologia. No entanto, tais códigos são genéricos e abstratos e o treinamento fica restrito às aulas de tiro e legislação penal, dando pouca ênfase às situações de contato entre policiais e cidadãos.
França; Ribeiro, 2019	Compreender a relação entre a cultura militarista e processos de socialização baseados na pedagogia do sofrimento	Pesquisa Documental Qualitativa	Foram analisadas 41 páginas do Relatório final do Inquérito Policial Civil sobre a morte do aluno soldado bombeiro Rodrigo Claro, na cidade de Cuiabá, no Mato Grosso.	A exposição da presença de violência institucional nas instituições militares se manifesta através de uma “pedagogia do sofrimento”, que é parte integrante da cultura militarista.

Winter; Alf, 2019	Investigar profissionais da PM lotados no interior do estado do Rio Grande do Sul	Pesquisa Qualitativa	Participaram 10 profissionais da brigada militar de um município no interior do Rio Grande do Sul.	Os policiais militares fazem uso de estratégias defensivas, para amenizar o sofrimento psicológico causado pelo estresse do trabalho. A não verbalização do sofrimento é uma delas.
Ferreira; Borges, 2020	Analisar como ocorrem as micropráticas de polícia comunitária conduzidas por membros de uma unidade operacional da polícia militar de Minas Gerais.	Pesquisa Qualitativa	Foram entrevistados 26 policiais do 17º Batalhão da Polícia Militar da cidade de Uberlândia - MG.	Cultua-se a imagem do policial herói, que tudo deve suportar. Para ressignificar a relação polícia-sociedade, é necessário que haja uma mudança cultural na Polícia Militar.
Gisi; Silvestre, 2020	Analisar o impacto das percepções e expectativas dos policiais sobre as atividades de policiamento na construção da legitimidade reivindicada por eles.	Pesquisa Qualitativa	Foram realizadas 28 entrevistas com praças da PMESP em oito distritos da cidade de São Paulo.	O modelo de atividade policial centrado na ideia de “guerra ao crime”, aliado a uma estrutura organizacional militar rígida, pode danificar a autolegitimidade dos policiais.
Barbosa, 2023	Analisar as ocorrências policiais do programa de policiamento comunitário “Ronda do Quarteirão” em Juazeiro do Norte (CE) entre 2011 e 2013 e esclarecer as relações construídas entre polícia e população.	Pesquisa Qualitativa	Foram produzidas mais de 600 páginas de diário de campo e 6 policiais foram entrevistados em Juazeiro do Norte (CE).	A instituição policial presente na comunidade por meio de estratégia de policiamento do Ronda do Quarteirão assumiu um caráter importante na economia das conflitualidades enquanto um caso possível das relações de polícia e população.
Zilli <i>et al.</i> , 2023	Discutir o problema da letalidade policial em Minas Gerais e o modo como se tem dado seu processo investigativo.	Pesquisa Qualitativa	Foram analisados 3.605 boletins de ocorrência sobre mortes e ferimentos decorrentes de intervenções policiais registrados entre 2013 e 2018 em MG. E entrevistados 25 atores-chave das forças policiais e do MPMG	Episódios de violência arbitrária, racismo e letalidade policial contribuem para o problema de autolegitimidade enfrentado pelos policiais.